

## A TEORIA DO VALOR NO CURSO DE LINGÜÍSTICA GERAL

Recebido em 30/08/2008

Aceito em: 05/12/2008

Eliane Mara Silveira\*

**Resumo:** Neste artigo contaremos um pouco da história de uma busca nos estudos da linguagem, a busca de uma resposta sobre a natureza da língua. Essa história é contada com o objetivo de, em primeiro lugar, apontar o lugar da Teoria do Valor - formulada por Ferdinand de Saussure (1857-1913) - nessa procura por uma resposta sobre a natureza da língua. Em segundo lugar objetivamos, especialmente, sublinhar que essa formulação teórica se recolhe pelos leitores do Curso de Lingüística Geral (1916) há quase um século e reorientou, desde então, a direção das perguntas e das respostas sobre a língua além de ter influenciado outras áreas de reflexão.

**Palavras chave:** Teoria do Valor; estrutura; sistema; manuscrito; Ferdinand de Saussure; Curso de Lingüística Geral.

### 1) Introdução

Começamos esse artigo por uma questão: qual a natureza da língua? Essa questão, de resposta difícil, que suponho cara aos lingüistas, tem sido feita e refeita muitas vezes ao longo da existência humana. Nesse percurso noções como organização, estrutura da língua, ou sistema da língua, embora não possamos dizer que sejam homólogas, foram muito recorrente nas respostas da Lingüística especialmente. Tal questão é contemplada por respostas diversas, a primeira das quais, nessa direção, provavelmente, seja a da Antiguidade Grega que, a partir desse desassossego, pode descobrir a *grammatiké*, que mais tarde, no helenismo, foi transformada em *téchne*<sup>1</sup>. A pergunta, no entanto nunca cessou – talvez ela tenha surgido muito antes do que sabemos - as respostas foram variadas e muitas. Muitas também, como a *grammatiké*, foram transformadas em um método ou uma norma, destino comum para as reflexões sobre objetos que foram tocados pela demanda do ensino.

---

\* Doutora em Lingüística pela UNICAMP, professora na graduação e na pós-graduação no Instituto de Letras e Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia-MG, pesquisadora PQ-CNPq com o projeto "Manuscritos saussurianos: a rasura como parte do movimento de fundação da Lingüística". E-mail: [eliane.m.silveira@gmail.com](mailto:eliane.m.silveira@gmail.com).

<sup>1</sup> Essa história está exemplarmente contada por Maria Helena Moura Neves no livro "A vertente grega da gramática tradicional".

Contudo - seria desnecessário dizer, não fossem as interpretações contrárias - não é possível assegurar uma estabilidade do sentido dessas noções – organização/estrutura/sistema - na diversidade das respostas que foram oferecidas para a questão. Nessa diversidade de reflexões a elaboração de Ferdinand de Saussure (1857-1913), na passagem do século XIX para o século XX, ao qual é atribuído o estatuto de fundador do Estruturalismo, é decisiva. Tal elaboração, como bem destaca François Wahl<sup>2</sup>, renova o sentido das respostas que já haviam sido dadas: “Se a palavra Estruturalismo corresponde a algo é bem a uma nova maneira de colocar e explorar os problemas nas ciências que tratam do signo: uma maneira que teve seu ponto de partida na lingüística saussuriana”(p.12).

Essa nova maneira é reconhecida nas formulações constantes do livro chamado *Curso de Lingüística Geral*, livro publicado postumamente, em 1916, pela editora Payot, França. Tal livro é o resultado de uma edição que os alunos de Saussure - Sechehaye e Bally - fizeram de alguns dos seus manuscritos - redigidos por ele provavelmente com o objetivo de preparar os cursos de Lingüística Geral que ministrou em 1907, 1908, 1909 e 1910<sup>3</sup>- e das anotações que seus alunos fizeram durante os cursos a que assistiram.

Nesse livro, cuja autoria é reconhecida há quase um século como sendo de Saussure, a pergunta sobre a natureza da língua encontra uma reflexão a qual consideramos central, trata-se do momento em que a língua é definida como sistema de signos. Tal definição demanda a explicação do que é signo, seus componentes e seu funcionamento e nos parece, ainda mais importante, exige a explicação do que é sistema. Assim, chega ao público a Teoria do Valor. Essa noção de sistema, que tem como elemento central o signo, fundamentará, para os leitores do *Curso de Lingüística Geral*, uma noção de estrutura da língua que, pode-se dizer, tinha sido até então procurada.

Neste artigo contaremos um pouco da história dessa busca e nos deteremos especificamente na Teoria do Valor, que reorienta os estudos da linguagem - conferindo à Lingüística um estatuto de ciência moderna, ainda discutido - e influencia outras áreas como a antropologia e a psicanálise. Tais efeitos se deram a partir da leitura que muitos fizeram do *Curso de Lingüística Geral* durante quase um século. Desconsiderar o *Curso de Lingüística Geral* implica em desqualificar tais leituras e seus efeitos. Contudo, para que se alcance melhor a contribuição do *Curso de Lingüística Geral*, nesse percurso de questões sobre a natureza da língua, parece-me importante acompanhar alguns eventos de um longo caminho de elaborações sobre a natureza da língua.

<sup>2</sup> O autor organiza uma coleção intitulada “Qu’est-ce que Le structuralisme”, publicada pela Editions du Seuil, França em 1968. A Cultrix publicou no Brasil o volume “Estruturalismo em Lingüística” escrito por Ducrot, no qual temos a introdução de François Wahl.

<sup>3</sup> “1º curso – de 16 de janeiro a 3 de julho de 1907, (...) 2º curso – da 1ª semana de novembro de 1908 a 24 de julho de 1909 (...) 3º curso – de 23 de outubro de 1910 a 4 de julho de 1911 (...)” (Salum, Prefácio à edição brasileira do *Curso de Lingüística Geral* - edição brasileira de 1973, p.XVI).

## 2) Um percurso importante

Realizar uma reflexão sobre a constituição de teorias sobre a língua é uma tarefa importante e, talvez por isso, árdua e delicada. Tal trabalho tem sido realizado por lingüistas que ao longo do exercício da sua atividade se vêem em condições, ou na necessidade, de realizar esse exame. Tal trabalho muito contribui para a compreensão das teorias lingüísticas. Sobre o estruturalismo houve uma grande quantidade de trabalhos realizados com esse objetivo, o estruturalismo lingüístico talvez tenha recebido o maior número de reflexões específicas sobre a sua natureza, constituição e efeitos, mais do que qualquer outra teoria lingüística no século XX. Justifica-se, trata-se de uma teorização a qual se reputa a fundação da lingüística e não de uma teoria entre outras. Entre essas reflexões, o trabalho de Ducrot, no final da década de sessenta do século passado, no livro “Estruturalismo e Lingüística”, é notável especialmente pelo primeiro capítulo desse livro: Linguagem e representação. O autor apresenta ali uma retomada das questões sobre a natureza da língua que permite uma leitura muito mais apurada do *Curso de Lingüística Geral*, especialmente do capítulo sobre a Teoria do Valor, já que Ducrot historia uma questão que retorna incessantemente na história dos estudos da linguagem. O trabalho de Ducrot será, assim, fundamental para o nosso de situar a pertinência da elaboração da Teoria do Valor no *Curso de Lingüística Geral*.

Vamos então ao trabalho de Ducrot. O autor afirma que “Se se entender por estrutura toda organização regular a pesquisa de estruturas lingüísticas é tão velha quanto o estudo das línguas” (*op.cit.*, p.24); assim, com a finalidade de mostrar como se apresenta a noção de estrutura lingüística há dois séculos, o autor retoma a idéia de gramática como estrutura, as análises morfemáticas do século XVIII, Humboldt e a relação entre as palavras e, finalmente, os objetivos da Gramática Comparada. Sendo essa última constitutiva do ambiente intelectual no qual Saussure se formou. Tal percurso mostra inicialmente que,

O estruturalismo do século XX não terá, portanto de introduzir, em lingüística, a noção de estrutura que nela se encontra desde o começo. Sua originalidade será antes estabelecer, pela reflexão acerca das línguas, uma nova significação para essa palavra; transformar a idéia de estrutura, e não aplicá-la. (*op.cit.*, p.26)

Nesse sentido, lembremos que a idéia de gramática já parte do princípio que a frase apresenta regularidades combinatórias em que se manifestem disposições lógicas ou psicológicas e, nesse aspecto, é exemplar o caso da Gramática de Port-Royal<sup>4</sup>, cujo objetivo era explicar como a língua expressa os pensamentos através de uma estrutura gramatical. Assim, na expressão

---

<sup>4</sup> Elaborada por Arnauld e Lancelot no século XVII, na França.

feliz de Ducrot, “Graças a linguagem, o pensamento se oferece assim em espetáculo para si mesmo e para outrem.” (*op.cit.*, p.27). É preciso sublinhar tal característica desse empreendimento: “(...)a recusa de reconhecer uma organização que não seja racionalmente motivada” (*op.cit.*, p.30).

Outros trabalhos de grande envergadura foram realizados no sentido de aproximar-se do conhecimento da estrutura da língua. A etimologia pode ser incluída nesse rol, desde que destaquesmos do seu propósito o objetivo de compreender o arranjo interno da palavra, ou ainda, mais especificamente, os seus aspectos morfológicos. Os estudos produzidos nos séculos XVII e XVIII - por um lado se aproximam das descobertas da Gramática de Port-Royal no que diz respeito à organização da linguagem e seu caráter representativo do pensamento - por outro, vão no sentido contrário na medida em que verificam que as mudanças que o tempo imprime na palavra respeitam sempre sua composição morfemática e, dessa forma, permitem concluir que a língua tem um limite próprio às interferências externas. Assim,

A análise da palavra revelou pois, uma ordem lingüística tão estável e regular quanto a organização da frase.(...) Se os componentes da palavra apresentam uma organização esta não pode ser a representante de uma ordem exterior, uma imagem da realidade empírica ou do pensamento humano. (...) só dá testemunho de si próprio. (*op.cit.*; p.33-34)

A organização/estrutura/sistema da língua, no caso das análises morfemáticas, acaba por evidenciar uma organização da palavra não exclusivamente representacionista como os estudos da Gramática de Port Royal, por exemplo. Contudo, ainda que chegassem a essa conclusão que havia uma organização que era própria da língua, os estudiosos responsáveis pelas análises morfemáticas não deixavam de assumir a língua como representação do pensamento ou do espírito humano.

Ainda mantendo-se na pergunta sobre a natureza da língua, Ducrot nos lembra que Humboldt, no início do século XIX, se ocupará de “explicar como os sons, exteriores uns aos outros e justapostos na ordem do tempo, podem veicular as relações intelectuais cuja rede dá coesão e solidez à experiência humana” (*op.cit.*; p.34). As pesquisas de Humboldt lhe darão condições de afirmar que a relação entre as palavras em vez de ser rejeitada pelo ouvinte está inscrita no enunciado. Nota-se na reflexão de Humboldt que ele chega a uma noção de organização própria da língua. Contudo, tal organização, para ele, é a expressão da unidade intelectual que se expressa nas línguas particulares. Essa *expressão da unidade intelectual* parece estar muito próxima da noção de *representação de pensamento* naquilo que relega a organização da língua a uma função: representar o pensamento ou expressar a unidade intelectual. Ou seja, por arbitrária que seja essa forma de organização, ela cumpre a função de expressão/representação de outro funcionamento.

No decorrer do século XIX, os estudos sobre a língua foram de tal

maneira determinados pela necessidade de encontrar os 'parentescos' entre as línguas - e mesmo a língua 'original' - através do método comparatista, que esse período de questionamento sobre a língua é conhecido por Gramática Comparada. Os efeitos teóricos dessa empreitada são assim definidos por Ducrot:

Tal situação é, a um só tempo, paradoxal e inevitável. Se a parte gramatical da língua foi escolhida como terreno privilegiado das comparações históricas, foi-o pela resistência que se acredita ofereça, em vista da densidade das relações que a subtendem, às influências, aos empréstimos, e a todos os acidentes da História. Mas não é de espantar que a gramática resista menos aos historiadores do que à História(...). Para sustentar que os termos comparados eram de fato comparáveis, os historiadores só tinham duas soluções. Ou decidir que a situação do elemento no sistema não lhe afeta a identidade(...), ou refazer um dos sistemas até que seja calcado no outro. (*op.cit.*; p.48)

Ou seja, na medida em que no século XIX ainda é possível sustentar a homologia entre gramática e estrutura, podemos notar que a noção de sistema/organização/estrutura é parte do método de trabalho, ainda que a noção de sistema seja corrente entre os pesquisadores da época. No entanto, se a perspectiva corrente, segundo Ducrot "Repousava na idéia de que cada língua tem sua organização, autônoma e específica, foi mister abandonar tal idéia para resolver os problemas técnicos suscitados pela demonstração dos parentescos." (*op.cit.*; p.50) Dessa forma, o que parecia ter sido o apogeu da compreensão de que a língua tinha um sistema/organização/estrutura e então se poderia avançar na compreensão desse mecanismo, foi, na verdade, um momento de parada dessa reflexão, pois esse mecanismo passou a ser secundário, apenas uma forma de se chegar ao parentesco entre as línguas e sua origem.

Assim, Ducrot nos ofereceu, com o seu trabalho, boas indicações de como se dava a pesquisa sobre a(s) língua(s) antes de Saussure. A formação de Saussure se dá nas últimas décadas do século XIX, portanto entre os comparatistas, mas num momento em que os objetivos dessas pesquisas já eram colocados em questão.

É nesse cenário que no final do século XIX um acontecimento promove uma virada teórica importante, trata-se da atitude tomada pelos neogramáticos. Osthoff e Brugmann, os líderes do movimento, escrevem um manifesto, em 1878, estabelecendo uma série de limites para os objetivos da Gramática Comparada. Especialmente definindo como mítica a especulação sobre a língua mãe e propondo que o exame das mudanças fonéticas fosse realizado com o objetivo de descobrir as leis que ordenam tais mudanças. Tal manifesto teve um efeito decisivo nas pesquisas que se seguiram, a partir daí minimizou-se a importância do parentesco entre as línguas orientando a comparação para as leis fonéticas. Evidentemente que, interdita a hipótese de língua mãe e

estabelecida a prioridade da lei, estava aberta uma possibilidade maior para a noção de sistema. Nesse contexto é que é relevante citar o trabalho de Saussure: “*Mémoire sur le système primitif des voyelles dans les langues indo-européennes*”, escrito em 1879, em Leipzig na Alemanha, enquanto fazia a sua formação.<sup>5</sup>

De Mauro (1986:330) sustenta que o *Mémoire* marcou profundamente a formação de Saussure, que através dele entrou em contato com os problemas de reconstrução de um sistema lingüístico necessariamente a-substancial, já que sua realização em palavras não era conhecida. Assim, Saussure buscava considerar as unidades lingüísticas como puras entidades opositivas e relacionais na sua co-funcionalidade sistêmica e não como átomos isolados. Com efeito, no próprio *Mémoire* é possível apreender um pouco mais dessa posição de Saussure:

Estudar as formas múltiplas sob as quais se manifesta o que se chama de a indo-europeu, tal é o objeto imediato deste opúsculo: o resto das vogais só será tomado em consideração na medida em que os fenômenos relativos ao a fornecerem a ocasião para isso. Mas se, chegados ao fim do campo assim circunscrito, o quadro do vocalismo indo-europeu se tenha modificado pouco a pouco aos nossos olhos e que nós o vejamos agrupar-se inteiramente em torno do a, toma-se em face a ele uma nova atitude, é claro que de fato é o sistema das vogais em seu conjunto que será admitido no raio de nossa observação e cujo nome deve ser inscrito na primeira página. (Mem.1-2=Rec.3, *apud* De Mauro;1986: 327, tradução nossa)<sup>6</sup>

É preciso observar que nesse momento se desenha uma passagem para Saussure. Afinal, se as formas múltiplas se ordenam em torno do a, urge tomar uma atitude nova: dar relevância ao sistema das vogais em seu conjunto.

---

<sup>5</sup> Esse momento, em que o método passa a ser menos importante do que a lei na busca das respostas sobre a linguagem, é definidor de que tipo de ciência será a Lingüística reconhecida como fundada por Saussure. Ciência positivista ou galileana, centrando-se no empirismo ou na literalização? Tal questão não é o objetivo desse artigo embora o capítulo sobre a Teoria do Valor, no *Curso de Lingüística Geral*, seja bastante esclarecedor sobre isso: “A, língua, é por assim dizer, uma álgebra que teria somente termos complexos” (*op.cit.*p.141). Para realizar essa reflexão julgo importante a leitura da reflexão de Koyré: “As origens da ciência moderna” publicado pela primeira vez como artigo na revista *Diogenes*, em 1956 e em seguida no livro “Estudos de História do Pensamento Científico”.

<sup>6</sup> Étudier les formes multiples sous lesquelles se manifeste ce qu'on appelle l'a indo-européen, tel est le objet immédiat de cet opuscule: le reste de voyelles ne sera pris en consideration qu'autant que les phénomènes relatifs à l'a en fourniront l'occasion. Mais si, arrivés au bout du champ ainsi circonscrit, le tableau du vocalisme indo-européen s'est modifié peu à peu sous nos yeux et que nous le voyions se grouper tout entier autour de l'a, prendre vis-à-vis de lui une nouvelle attitude, il est clair qu'en fait c'est le système des voyelles dans son ensemble qui sera entré dans le rayon de notre observation e dont le nom doit être inscrit à la première page. (Mem.1-2=Rec.3 *apud* De Mauro;1986: 327)

Essa passagem, nos parece, não era fácil. Para ele tratava-se de uma 'peregrinação por difíceis caminhos' é o que se vê nas suas palavras no próprio *Mémoire*:

Nenhuma matéria é mais controversa; as opiniões são divididas quase ao infinito, e os diferentes autores raramente fizeram uma aplicação perfeitamente rigorosa de suas idéias. A isto se acrescenta que a questão do *a* é uma conexão com uma série de problemas de fonética e de morfologia entre os quais uns esperam ainda sua solução, muitos outros não foram sequer colocados. Nós também teremos, freqüentemente, no curso de nossa peregrinação, que atravessar as regiões mais incultas da lingüística indo-européia. Se, contudo, aqui nos aventuramos bem convencidos de antemão de que nossa inexperiência se desgarrará muitas vezes no dédalo, é que, para quem quer que se ocupe destes estudos, abordar tais questões não é uma temeridade, como se diz freqüentemente: é uma necessidade, é a primeira escola por onde é necessário passar; pois trata-se aqui, não de especulações de uma ordem transcendente, mas da pesquisa de dados elementares, sem os quais tudo flutua, tudo é arbitrariedade e incerteza. (Mem.1-2=Rec.3 apud De Mauro; 1986: 327-8, tradução nossa)<sup>7</sup>

O que notamos, ao recorrer a essas passagens do *Mémoire* para cernir o movimento de Saussure da gramática comparativa à lingüística geral<sup>8</sup>, é que, ainda que não seja possível identificar um caminho claro das leis fonéticas em direção à noção de sistema, não há dúvida quanto ao reconhecimento, por Saussure, da necessidade de uma nova direção na reflexão sobre a língua e que tal elaboração se afasta de qualquer tipo de representacionismo.

Trouxemos, até agora, algumas informações com o objetivo de apontar para os caminhos e descaminhos da noção de estrutura antes da Teoria do Valor de Saussure, o nosso objetivo não foi cobrir toda a discussão, mas dar destaque aos contornos que as formulações a respeito da língua desenhavam em torno das noções de organização, sistema ou estrutura.

---

<sup>7</sup> Aucune matière n'est plus controversée; les opinions sont divisées presque à l'infini, et les différents auteurs ont rarement fait une application parfaitement rigoureuse de leurs idées. A cela s'ajoute que la question du *a* est une connexion avec une série de problèmes de phonétique et de morphologie dont les uns attendent encore leur solution, dont plusieurs n'ont même pas été posés. Aussi aurons-nous souvent, dans le cours de notre pérégrination, à traverser les régions le plus incultes de la linguistique indo-européenne. Si néanmoins nous nous y aventurons, bien convaincu d'avance que notre inexpérience s'égarera maintes fois dans le dédale, c'est que, pour quiconque s'occupe de ces études, s'attaquer à de telles questions n'est pas une témérité, comme on le dit souvent: c'est une nécessité, c'est la première école où il faut passer; car il s'agit ici, non de spéculations d'un ordre transcendant, mais de la recherche de données élémentaires, sans lesquelles tout flotte, tout est arbitraire et incertitude. (Mem.1-2=Rec.3 apud De Mauro; 1986: 327-8)

<sup>8</sup> Para uma discussão mais detalhada sobre o ambiente de formação de Saussure e seu percurso na elaboração da Teoria do Valor, ver Silveira, 2007.

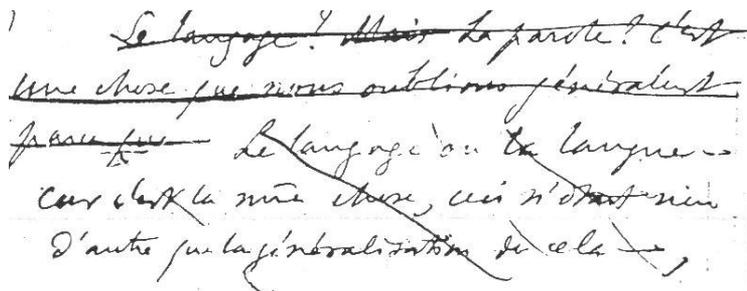
Antes de chegarmos ao *Curso de Lingüística Geral* proponho ainda uma aproximação aos manuscritos saussureanos com o objetivo de vislumbrarmos o movimento que levou Saussure a elaboração da teoria do valor.

### 3) Manuscritos

A elaboração de Saussure apresenta-se em um movimento e um tempo que os seus manuscritos generosamente deixam ver. Durante décadas ele escreveu sobre diversos temas relacionados à natureza da língua. Esses manuscritos têm nos permitido conhecer mais a produção de Saussure e, para além desse avanço, eles ainda deixam emergir algo que raramente se vê: o processo de elaboração de uma teoria – Há aproximadamente 8.500 folhas manuscritas por Saussure na B.P.U. (*Bibliothèque Publique et Universitaire* de Genève), e mais de 600 em Harvard<sup>9</sup>, material a um só tempo difícil e sedutor, que demanda muito trabalho de um grupo grande de pesquisadores.

Vivemos um momento muito produtivo desses estudos que retornam aos manuscritos saussureanos. Tal pesquisa porém não é recente, teve seu início a partir da década de cinquenta do século passado com Engler, seguiu com Godel e Túlio de Mauro que retomaram as fontes dos manuscritos do *Curso de Lingüística Geral* e realizaram um trabalho magistral a respeito das elaborações saussureanas e do trabalho dos editores do *Curso de Lingüística Geral*. Starobinski, no final da década de sessenta, examinou os manuscritos saussureanos sobre os versos latinos e deu a ver ao grande público as reflexões de Saussure sobre os anagramas. Mais recentemente, na passagem do século XX para o XXI, os trabalhos sobre os manuscritos têm sido ainda mais freqüentes e as publicações com o resultado dessas pesquisas já são numerosas.

Em trabalho recente abordei um manuscrito saussureano no qual o genebrino depositou as notas de preparação da *Première Conférence (cours de ouverture)*, datado de 1891. Nesse manuscrito destaco a preocupação em relação ao lugar da Lingüística e a natureza do objeto dessa área de estudo que, nesse momento, tem sua nomeação – língua, linguagem, fala – ainda vacilante para Saussure, como se vê ao final da folha cinco desse manuscrito:



~~Le langage? Mais la parole? C'est  
une chose que nous oublions généraliser  
parce que le langage ou la langue  
c'est la même chose, ce n'est rien  
d'autre que la généralisation de cela.~~

<sup>9</sup> Conferir Parret, 1996, nota 4.

Em 1891, nesse manuscrito, vemos Saussure amargar o que explicitaria em 1894 na carta à Meillet, 'a inépcia da terminologia corrente', que ele não cessará de submeter ao torniquete das suas altas exigências, como se pode perceber pelas freqüentes rasuras e, na continuidade desse mesmo manuscrito, pelos incisos às margens e substituição dos termos rasurados<sup>10</sup>. Tais exigências, como se sabe foram além da seleção terminológica e nos legou novos contornos para um objeto nomeado por ele de língua. Esses traços iniciais foram sendo definidos a partir de um vazio instalado por Saussure.

Objeto esse que é buscado nessas páginas do manuscrito saussureano, que aos poucos vai sendo desenhado e, mais tarde, adquire uma forma mais precisa através da teoria do valor, cujos efeitos representativos para a Lingüística e demais áreas de conhecimento, se recolhe no *Curso de Lingüística Geral*. Procuraremos então chegar, com o *Curso de Lingüística Geral*, ao ponto em que uma elaboração dá direção a essas buscas, a elaboração de Ferdinand de Saussure sobre a Teoria do Valor.

#### 4) A Teoria do Valor no *Curso de Lingüística Geral*

Esse caminho que traçamos no item anterior do artigo possibilita localizar alguns momentos da elaboração sobre a noção de sistema ou estrutura antes do *Curso de Lingüística Geral*. Saussure não se satisfaz, como já dissemos, com as questões e as respostas dos seus pares como vemos na carta que ele endereça, em 04 de janeiro de 1894, a seu amigo Meillet:

Incessantemente a inépcia absoluta da terminologia corrente, a necessidade de reformá-la e de mostrar para isto que espécie de objeto é a língua em geral, vem estragar meu prazer histórico, ainda que eu não tenha um desejo mais caro do que não ter que me ocupar da língua em geral. Isto terminará a despeito de mim em um livro onde, sem entusiasmo nem paixão, eu explicarei porque não há um único termo empregado em lingüística ao qual eu atribua qualquer sentido. E é apenas depois disso, eu confesso, que eu poderei retomar meu trabalho no ponto onde eu o havia deixado. (De Mauro;1986:355, Tradução nossa)<sup>11</sup>

Saussure dá mostras de um mal-estar com a 'terminologia corrente'. A relação entre a terminologia e o objeto em questão está - me parece claro -

---

<sup>10</sup> Remeto aqui ao capítulo três de Silveira, 2007: "Um palimpsesto entre o concerto e o desconcerto" para acompanhar uma análise mais detalhada desse manuscrito.

<sup>11</sup> *Sans cesse l'ineptie absolue de la terminologie courant, la nécessité de la reformer, et de montrer pour cela quelle espèce d'objet est la langue em general, vient gêter mon plaisir historique, quoique je n'aie pas de plus cher voeu que de n'avoir pas à m'occuper de la langue em general. Cela finira malgré moi par un livre où, sans enthousiasme ni passion, j'expliquerai pourquoi il n'y a pas un seul terme employé en linguistique auquel j'accorde un sens quelconque. Et ce n'est qu'après cela, je l'avoue, que je pourrai reprendre mon travail au point où je l'avais laissé.*

determinada pela forma como esse objeto é abordado. Assim, ele se propõe a suspender a lingüística que se fazia até então – ou tal relação com esse objeto - e se ocupar das questões que lhe angustiavam, para que pudesse retornar ao seu 'prazer histórico'. Caminho sem volta. Essa suspensão abriu a possibilidade de uma nova lingüística a partir da qual o 'prazer histórico' estava interdito visto que a estrutura (termo depreendido das elaborações de Saussure) desde então lhe fez sombra.

A elaboração de Saussure, a qual é reputada a fundação da Lingüística Moderna, se recolhe, historicamente, no *Curso de Lingüística Geral*. A partir desse livro póstumo, organizado por Secheaye e Bally, com a colaboração de Riedlinger, desponta no cenário intelectual do início do século XX uma nova forma de abordar um objeto a partir especialmente de algumas das reflexões de Saussure sobre: a sincronia lingüística, para além da diacronia; a natureza das unidades lingüísticas e, finalmente, sobre o valor lingüístico. Tais reflexões permitem um novo contorno para o que pode ser a língua.

As formulações presentes no *Curso de Lingüística Geral* têm, via de regra, uma articulação entre si, de maneira que o que temos em um capítulo pode estar muito relacionado com um ou mais capítulos do livro. Destacamos o IV capítulo da segunda parte "O valor Lingüístico" como central na trama de elaborações saussureanas e fundamental para continuarmos contando a história dessa busca de respostas sobre a natureza da língua. Tal pergunta toma muitas formas e no seu percurso encontrou-se muitas vezes com a noção de organização da língua ou estrutura

Assim, no *Curso de Lingüística Geral* encontramos o capítulo sobre a Teoria do Valor com a seguinte ordem: na primeira parte, é apresentada a teoria da língua enquanto sistema, na segunda parte a natureza do significado a partir da teoria do valor e, na terceira parte, temos a exposição do significante submetido ao sistema da língua e, na última parte, nos é apresentado o signo na sua totalidade funcionando a partir de relações puramente diferenciais constituindo o sistema da língua. Há um esforço no *Curso de Lingüística Geral* para cernir a especificidade das propriedades do signo, significante e significado e, a partir dessas propriedades, dizer das relações entre tais elementos da língua.

É patente o reconhecimento de que, mais do que em qualquer outro lugar, nesse capítulo o *Curso de Lingüística Geral* trata de questões cruciais para que se possa falar da ordem própria da língua e toca diretamente à constituição do signo já abordada nos capítulos I e II de sua primeira parte. No capítulo IV da segunda parte do *Curso de Lingüística Geral*, temos um item dedicado especificamente a tratar da língua como pensamento organizado na matéria fônica. O princípio básico desse funcionamento pode ser dito assim:

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das idéias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma

união conduza necessariamente a delimitação recíprocas de unidades. O pensamento, caótico por natureza, é forçado a precisar-se a se decompor. Não há pois nem materialização de pensamento, nem espiritualização de sons, trata-se antes, do fato, **de certo modo misterioso**<sup>12</sup>, de o 'pensamento-som' implicar divisões e de a língua elaborar as suas unidades constituindo-se entre as duas massas amorfas. (*op.cit.*; p.131- grifo nosso)

Nesse momento rompe-se com uma tradição, explicitada no item anterior, bem colocada por Ducrot: "Graças a linguagem, o pensamento se oferece assim em espetáculo para si mesmo e para outrem." (*op.cit.*; p.27).. Contudo, uma afirmação sobre a não dependência da língua em relação ao pensamento jamais seria *per se* suficiente para que tal tradição vacilasse ou mesmo caísse. Parece-nos que Saussure fez algo mais nesse sentido, não negou a relação entre língua e pensamento, mas propôs uma teoria para a língua que modificava a sua relação com o pensamento, permitindo um outro lugar para essa relação.

Tal proposição só foi possível a partir da Teoria do Valor, como se pode notar no capítulo IV da segunda parte do *Curso de Lingüística Geral*, onde temos um item dedicado especificamente a tratar do caráter diferencial da propriedade [do signo] no seu aspecto conceitual. O princípio básico desse funcionamento pode ser dito assim:

Seu valor (da palavra) não estará então fixado, enquanto nos limitarmos a comprovar que pode ser "trocada" por este ou aquele conceito, isto é, tem esta ou aquela significação; falta ainda compará-la com os valores semelhantes, isto é, com as palavras que se lhe podem opor. Seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela. Fazendo parte de um sistema, está revestida não só de uma significação como também, e sobretudo de um valor, e isso é coisa muito diferente. (*op.cit.*:p.134)

No que se refere à parte material da língua, temos um funcionamento regido pelos mesmos princípios que regem o caráter diferencial no seu aspecto conceitual. Ou seja:

Se a parte conceitual do valor é constituída unicamente por relações e diferenças com os outros termos da língua, pode-se dizer o mesmo da sua parte material. O que importa na palavra não é o som em si, mas as diferenças fônicas que permitem distinguir essa palavra de todas as outras, pois são elas que levam a significação. (*op.cit.*; p.137)

O significante é, portanto, a-substancial e nada se pode dizer dele a

---

<sup>12</sup> Faça notar esse comentário 'de certo modo misterioso', para destacar um aspecto pouco reconhecido no *Curso de Lingüística Geral*: a sua natureza ensaística.

não ser pela relação estabelecida no sistema lingüístico. Assim, o som não é responsável pela sua delimitação; serão as diferenças fônicas que estarão inscritas na língua.

O valor é diferenciado da significação, no caso do primeiro temos uma presença desprovida de propriedades intrínsecas e para se dizer da presença - isto que comparece como positivo - se faz necessário recorrer a uma ausência - ou ao negativo - que, contudo, opera na presença. É preciso notar que esse negativo não parece ser de outra ordem que a da própria língua. Quanto às propriedades de um termo da língua, é importante notar que: "seu conteúdo só é verdadeiramente determinado pelo concurso do que existe fora dela" (*op.cit.*; p.134). Importante sublinhar que o valor depende das relações existentes no sistema: Quando se diz que os valores correspondem a conceitos, subentende-se que são puramente diferenciais, definidos não positivamente por seu conteúdo, mas negativamente por suas relações com outros termos do sistema. (*op.cit.*; p.136).

A alteridade de qualquer elemento da língua só poderia estar no próprio sistema da língua e assim, se ele for encontrado no social, ou no cultural, ou no ideológico, cabe perguntar se essas "instâncias", ao se constituírem enquanto discurso, têm alguma possibilidade de não serem produzidas como uma linguagem e assim, também estarem sujeitas a um mesmo funcionamento estrutural<sup>13</sup>. As propriedades na língua estão subditas às relações e estas se dão com outros termos do sistema. O valor na língua não depende de uma exterioridade que não seja a própria língua e a significação depende da relação que confere à negatividade o papel regulador de qualquer positividade na língua.

Essa elaboração teórica implica em tomarmos a língua em seu funcionamento específico sem submetê-la a função de representação do pensamento. No *Curso de Lingüística Geral* ainda se lê: "cada termo lingüístico é um pequeno membro, um *articulus*, em que uma idéia se fixa num som e em que um som se torna o signo de uma idéia" (*op.cit.*; p.131); mas, para compreender o alcance dessa afirmação é preciso observar que é simultaneamente que isso se dá. Lê-se também: "(...) assim tampouco, na língua se poderia isolar o som do pensamento, ou o pensamento do som(...)" (*op.cit.*).

Dessa forma, a noção de sistema, ou a teoria do valor, elaborada por Saussure e presente no *Curso de Lingüística Geral* segue o curso de reflexões sobre a língua procurando saber como é a organização/sistema/estrutura da língua mas, pode-se dizer que, reelabora a relação entre pensamento e língua. Tal feito não havia ainda sido conseguido e é amplamente reconhecido a partir do *Curso de Lingüística Geral*.

---

<sup>13</sup> Segundo Benveniste: "Essas investigações inovadoras [de Saussure] levam a crer que o caráter natural da língua, de ser composta de signos, poderia ser comum ao conjunto de fenômenos sociais que constituem a cultura." (1991:47)

## 5) Conclusão

Retomando a pergunta inicial sobre a natureza da língua, podemos dizer que o *Curso de Lingüística Geral* trouxe a Teoria do Valor como uma resposta a essa questão, mas uma resposta que mantém o enigma sobre a língua<sup>14</sup> e, mais do que tudo, resiste ser enquadrada em um método ou uma norma, embora houvesse tentativas nesse sentido tanto para as análises lingüísticas em particular quanto em relação ao estruturalismo em geral, vejamos a observação de Whal:

O fato é que, atendo-nos à elasticidade das etiquetas, poder-se iam contar hoje dois estruturalismos positivistas, o segundo acusando o primeiro de empirismo; um estruturalismo simplesmente racionalista; dois estruturalismos, pelo menos, que anunciam uma subversão do sujeito, o segundo acusando o primeiro de redução; há uma filosofia, no sentido clássico do termo, que se serve do estruturalismo, e diversos estruturalismos que pretendem refutar, por sua natureza, qualquer filosofia, etc. (*op.cit*;p.15)

A propensão ao recurso imaginário das etiquetas não retirou da formulação saussureana o seu caráter subversivo. Pode-se dizer que a elaboração de Saussure mostra, assim, um potencial, confirmado historicamente, para definir o objeto da lingüística e lhe conferir um funcionamento concreto e sistêmico dando a cada elemento da língua uma precisão negativa até então impensada. O *Curso de Lingüística Geral*, ao desenhar os contornos do objeto 'língua', interdita – teoricamente - e por isso decisivamente, o complemento necessário 'mãe' e qualquer outra qualidade atribuível a esse objeto. Definida a partir de relações que se apóiam na negatividade de cada elemento, a língua passa então a ser um objeto sem qualidades; um objeto ao mesmo tempo matematizável e não simetrizável. Matematizável porque a sua negatividade implica que ela seja forma e não simetrizável porque a sua característica sistêmica implica que qualquer fato de língua não possa ser, logicamente, idêntico a si mesmo. Tal elaboração parece ser um grande golpe em um dos recursos imaginários da época – que, certamente, retorna à Lingüística sob outras formas – a representatividade.

Nesse artigo procuramos trazer elementos para apontar que a elaboração de Saussure, especialmente a Teoria do Valor, tem relação com a preocupação dos seus antecessores embora ele dê um passo decisivo nesse percurso de questões sobre a natureza da linguagem. Esse passo não se equipara a nenhuma elaboração realizada por seus antecessores ou

---

<sup>14</sup> Lembro novamente a passagem em que lê-se no *Curso de Lingüística Geral* (p.131)'de certo modo misterioso' que deixa aos seus leitores, como herança, para além de uma teoria de língua, um reconhecimento de que alguns mistérios permanecem.

contemporâneos. Além disso, apontamos que, mesmo no interior das elaborações saussureanas, houve um longo processo com elementos, aparentemente, díspares que confluíram na criação da Teoria do Valor, como pode-se verificar nos seus inúmeros manuscritos.

## **SILVEIRA, E. M. THE THEORY OF VALUE IN THE COURSE OF GENERAL LINGUISTICS**

**Abstract:** *In this article we're going to briefly refer to a research case in the studies of language, the search for an answer to the nature of language. This case is approached, firstly with the objective of pointing out the place of the Theory of Value, formulated by Ferdinand de Saussure (1857 - 1913) - in this search for an answer to the nature of language. Secondly, we mainly tried to elicit that this theoretical frame has been collected by the readers of the Course of General Linguistics(1916) for nearly one century, and since then, it has reoriented the directions of questions and answers regarding language, as well as the influence other topics of reflection.*

**Keywords:** *Theory of Value; structure; system; manuscript; Ferdinand de Saussure; Course of General Linguistics.*

### **Referências bibliográficas**

DUCROT, O. **Estruturalismo e Lingüística**. Tradução de José Carlos Paes, Ed. Cultrix, São Paulo, 1971.

De MAURO, T. **Cours de Lingüistique Générale: édition critique**. Paris, Payot, 1986.

GODEL, Robert. **Les Sources manuscrites du cours de linguistique générale de Ferdinand de Saussure**. Genève : Libraire Droz, 1969.

PARRET, H. "Reflexions saussuriennes sur le temps et le moi". In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 49, p.p. 85-119, Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève; 1995[6].

KOYRÉ, A., **Estudos de história do pensamento científico**. Editora Forense Universitária; Rio de Janeiro 1991.

NORMAND, C. Saussure. Paris: Les Belles Lettres. 2000.

NEVES, M.H.de Moura. **A vertente grega da gramática tradicional**. Hucitec/Ed.UNB; São Paulo, 1987.

SAUSSURE, F. de **Curso de Lingüística Geral**. [1916] Editado por Charles Bally & Albert Sechehaye com a colaboração de Albert Riedlinger Tradução A.Chelini, J.P.Paes e I.Blikstein. 5ª. Ed. São Paulo: Cultrix,1973.

SILVEIRA, E. **As marcas do movimento de Saussure na fundação da lingüística**. Campinas-SP: Editora Mercado de Letras/FAPESP. 2007.

### **Bibliografia**

De LEMOS C.T.G; LIER-DE VITTO M.F.; SILVEIRA, E.M. e ANDRADE L. "Le Saussurisme en Amérique Latine au XXème. Siècle", in **Cahiers Ferdinand de Saussure**: Revue suisse de linguistique générale, no. 56; pp.165/176. Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève;2004.

De LEMOS, C. T. G. **Entre a escrita dos 'anagramas' e as 'aulas do curso': uma leitura de Saussure**.

CELSUL – Florianópolis (1997) – texto inédito, 1997.

\_\_\_\_\_. "Questioning the notion of development: the case of language action". In **Culture & Psychologie**. 6-2 (1969-182).2000.

\_\_\_\_\_. "Da Morte de Saussure o que se comemora?" in **Revista Psicanálise e Universidade**, n.3, P.E.P.G. PUC/São Paulo, 1995.

GADET, F. **Saussure – une science de la langue**. Paris: Presses Universitaire de France, 1987.

HARRIS R. **Saussure and his interpreters**. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltda, 2001.

KOYRÉ, A., **Do mundo fechado ao universo Infinito**. Editora Forense Universitária; Rio de Janeiro 2001.

MILNER, J. C. - **Le périple structural: figures et paradigme**. Paris: Editions du Seuil, 2002.

\_\_\_\_\_. **Introduction à une science du langage**. Paris: Seuil, 1989.

NORMAND, C. **Saussure**. Paris: Les Belles Lettres. 2000.

PARRET, H. "Les manuscrits saussuriens de Harvard" . In **Cahiers Ferdinand de Saussure**, vol. 47, p.p. 179-234, Publicado por Cercle Ferdinand de Saussure, Librairie Droz S.A.; Genève; 1993[4].

PÊCHEUX, M. "Sur la (dé-)construction des théories linguistiques". In **Revue de Linguistique DRLAV**; nr.27 (p.1 à 24); Centre de recherche de l'université de Paris VIII; Paris; 1982.

SAUSSURE, F. **Troisième Cours de Linguistique Générale (1910-1911)**: d'après les cahiers d'Emile Constantin / Saussure's third course of lectures on general linguistics (1910-1911): from the notebooks of Emile Constantin. French text edited by Eisuke Komatsu e English text edited by Roy Harris, Pergamon Press, 1993.

\_\_\_\_\_. **Écrits de linguistique générale**; Texte établi et édité par Simon Bouquet et Rudolf Engler; Editions Gallimard; 2002.

\_\_\_\_\_. **Escritos de Lingüística Geral**. Texto organizado e editado por Bouquet e Engler. Tradução de Carlos Augusto L. Salum e Ana Lucia Franco. São Paulo: Cultrix, 2004.

SILVA, K.A.da; **Saussure e a questão da referência na linguagem**. Dissertação de mestrado orientado pela profa. Dra. Maria fausta C.P.de Castro, apresentada à UNICAMP- Universidade Estadual de Campinas-SP em 2008.

SILVEIRA, E.M. "Atenção à tensão" in **Revista Brasileira de Letras**, Universidade Federal de São Carlos. p.25-34. n.3/4 v.1. 2001-2002 impresso em 2005.

\_\_\_\_\_. "As Marcas do movimento de Saussure na Fundação da Lingüística". In "**Sínteses**", Campinas-SP, v. 9, p. 397-412, 2004.

\_\_\_\_\_. "Revisitando uma das chamadas exclusões saussureanas: a história". In: **Revista Estudos Lingüísticos**. XXXIII Seminário do GEL, São Paulo, 2004. v. 1. pp.1226-1234.

STAROBINSKI, J. **As palavras sob as palavras** : os anagramas de Ferdinand de Saussure. Tradução Carlos Vogt. São Paulo : Editora Perspectiva, 1974. Les mots sous le mots, 1971.

TRABANT, J. "Faut-il défendre Saussure contre ses amateurs? Notes item sur l'étymologie saussurienne". In: **Languages**, nº 159, p.p. 111-125, septembre 2005.